



SERVIÇO SOCIAL E MÉTODO

Fátima da Silva Grave Ortiz¹

RESUMO

Esta comunicação é resultado de parte dos estudos empreendidos ao longo de nossa inserção no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade – NEFSSC, bem como expressa parte de nossa produção acadêmica no curso de Doutorado em Serviço Social do Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ. Desta forma, objetivamos com este estudo resgatar a concepção de método que o Serviço Social empreendeu, ao longo de sua trajetória, tentando a partir disso indicar as dificuldades historicamente vivenciadas pela profissão, contrapondo-as ao salto intelectual que lhe permitiu apreender o método tal como concebido pelo próprio Marx.

PALAVRAS-CHAVE: Serviço Social; Método e História; Método BH; Método Marxiano

INTRODUÇÃO

Esta comunicação é resultado de parte dos estudos empreendidos ao longo de nossa inserção no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre os Fundamentos do Serviço Social na Contemporaneidade – NEFSSC, bem como expressa parte de nossa produção acadêmica no curso de Doutorado em Serviço Social do Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ.

OBJETIVOS

Desta forma, objetivamos com este estudo resgatar a concepção de método que o Serviço Social empreendeu, ao longo de sua trajetória, tentando a partir disso indicar

¹ Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação da ESS/UFRJ. Professora da Escola de Serviço Social/UFRJ, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Serviço Social na Contemporaneidade - NEFSSC E-mail: fgrave@terra.com.br.



as dificuldades historicamente vivenciadas pela profissão, contrapondo-as ao salto intelectual que lhe permitiu apreender o método tal como concebido pelo próprio Marx.

DESENVOLVIMENTO

Entendemos que é pertinente concebermos que o Serviço Social é uma profissão que se situa na divisão sócio-técnica do trabalho, a partir da sua inscrição em um projeto reformista conservador, que tinha como balizas teóricas e ídeo-culturais a doutrina social da Igreja, o pensamento conservador laico europeu e o estrutural-funcionalismo norte-americano. Esse “*arranjo teórico-político-doutrinário*” (GUERRA,2001) sob o qual se assentou o Serviço Social, perpassou suas esferas teórica, técnica e valorativa, conformando entre os profissionais uma determinada visão de homem e mundo, que por sua vez engendrava a maneira como estes deveriam intervir face a um “caso social” específico.

Desta forma, a apreensão do sentido do método para o Serviço Social não poderia ser outra, que não o identificasse como “*um conjunto de regras sobre ‘como fazer’ e/ou pautas para a intervenção*” (GUERRA, 2001:271). O método estava diretamente associado ao pragmatismo evidenciado pela intervenção imediata sobre os “casos sociais”. Não há, neste sentido, quaisquer prerrogativas quanto a utilização do método para o desvelamento da realidade; ao contrário, o método, subsumido a forma de intervenção, deveria somente ratificar a realidade, visto ser esta harmônica e naturalmente equilibrada.

Mesmo na chamada Renovação do Serviço Social², a identificação do método com a intervenção pragmática e imediatista permanece, e de certa forma, cristaliza-se, face às novas exigências e demandas postas aos profissionais, decorrentes da inscrição do Brasil no circuito monopolista internacional, marcado pelo “*exaurimento de um certo padrão de desenvolvimento capitalista*” (NETTO, 1991). Assim, o chamado

² Conforme NETTO(1991), “*entendemos por renovação o conjunto de características novas que, no marco das constrições da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendências do pensamento social contemporâneo, procurando investir-se como instituição de natureza profissional dotada de legitimação prática, através de respostas a demandas sociais e da sua sistematização, e de validação teórica, mediante a remissão às teorias e disciplinas sociais.*” (NETTO, 1991:131)



“Serviço Social tradicional”³, que passa a ser questionado formalmente no Brasil por volta dos anos 60, concede lugar a um amplo processo que combina simultaneamente avanços e continuidades, pois, se de um lado, a Renovação do Serviço Social, ainda que nas tendências de corte mais conservador, buscou, dentre outros aspectos, a validação e legitimação teórica, inaugurando a possibilidade de interlocução com as ciências sociais; por outro, percebe-se a manutenção da mesma perspectiva de homem e mundo tradicionalmente existente no âmbito profissional. Para NETTO (1991), “... não há rompimento: há a captura do ‘tradicional’ sobre novas bases”. (p.168)

No entanto, se em Araxá (1967) nos é possível perceber a franca associação do Serviço Social a uma determinada direção sócio-política, organicamente vinculada aos interesses e exigências da burguesia, expresso sob o signo da autocracia, Teresópolis (1970) avança na constituição do “modus operandi” necessário a esta opção ideopolítica. Assim, tomando como tema central – a metodologia do Serviço Social, o Seminário de Teresópolis consistiu em um dos grandes marcos para a apreensão do significado do método para o Serviço Social e teve em José Lucena Dantas aquele que mais representava a tendência hegemônica na época.

A partir da recuperação do dizer de Dantas, NETTO (1991) afirma que “*para ele, o método não passa de um jogo de ordenações formais, envolvendo ‘a matéria a ser ordenada e [...] os critérios utilizados para imprimir ordenação a essa matéria’*” (NETTO, 1991:183).

A preocupação do Seminário de Teresópolis quanto à construção e afirmação de uma determinada “metodologia” para o Serviço Social, levada a cabo pelas contribuições de Lucena Dantas, não supera os “ganhos” ídeo-políticos e culturais de Araxá; ao contrário, fortalece-os à medida que clarifica, a partir da perspectiva neopositivista, a forma de intervenção do Assistente Social, como profissional atrelado à programática desenvolvimentista nacional.

³ Também conforme NETTO (1991), “*sugerimos entender como Serviço Social tradicional ‘a prática empirista, reiterativa, paliativa e burocratizada’ dos profissionais, parametrada ‘por uma ética liberal-burguesa’ e cuja teleologia ‘consiste na correção – desde um ponto de vista claramente funcionalista – de resultados psicossociais considerados negativos ou indesejáveis, sobre o substrato de uma concepção (aberta ou velada) idealista e/ou mecanicista da dinâmica social, sempre pressuposta a ordenação capitalista da vida como um dado factual ineliminável.’*” (NETTO, 1991:117)



Para NETTO (1991:190), em Teresópolis,

“... o que está no centro das formulações, aqui, não são teorias, valores, fins e legitimidade (antes, esses componentes são dados como tácitos), mas sim a determinação de formas instrumentais capazes de garantir uma eficácia da ação profissional apta a ser reconhecida como tal pelos complexos institucional-organizacionais.”

Assim, verifica-se que, embora a tendência de rompimento com o histórico conservadorismo já fosse presente no Serviço Social desde o final dos anos 50 (vale lembrar as experiências do chamado Desenvolvimento de Comunidade Heterodoxo e as bases sócio-políticas que o sustentavam), nem Araxá, nem tampouco Teresópolis e os demais seminários ocorridos posteriormente – Sumaré e Alto da Boa Vista, empreenderam efetivamente uma ruptura com a herança conservadora, da qual o Serviço Social é legatário.

Na verdade, somente com o declínio do ciclo autocrático burguês, foi possível a alguns setores profissionais (sobretudo aqueles que estavam na docência) enveredarem investigações que de fato possuíam vinculação com um projeto de ruptura com o “Serviço Social tradicional”. Referimo-nos aqui a experiência vivenciada pelos docentes da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Belo Horizonte durante o período de 1972 a 1975, comumente conhecido por “Método BH”. Inicialmente podemos afirmar que o “Método BH” consistiu efetivamente no primeiro projeto para a profissão, que pretendia romper com o “Serviço Social tradicional”, do ponto de vista teórico-metodológico, formativo e interventivo. Além das imponderáveis críticas que se estabelece a este, a experiência de Belo Horizonte indicava, já naquela ocasião, os parâmetros para a construção de um determinado perfil profissional, cuja competência deveria estar assentada em pelo menos três dimensões: política, teórica e interventiva. Sem dúvida alguma, foi a única proposta que, diante das demais tendências em presença – modernizadora, por um lado; e fenomenológica, por outro;



avançou de encontro às prerrogativas até então existentes que enformavam tradicionalmente a profissão.

Desta forma, o “Método BH” (que inaugura o surgimento da vertente nominada por NETTO – 1991, de “intenção de ruptura”) configura-se enquanto mais um dos importantes marcos para se entender a trajetória do Serviço Social no Brasil, sobretudo pela sua inédita e formal aproximação com a tradição marxista⁴. Contudo, embora possua inegável mérito, o “Método BH”, exibe também uma série de imprecisões, decorrentes da apreensão de um determinado tipo de marxismo – o conhecido “marxismo vulgar” ou “marxismo sem Marx”⁵.

Assim, dentre os principais problemas verificados no “Método BH”, inspirado nas formulações maoístas e althusserianas⁶, NETTO (1991) observa a errônea concepção de prática como “produtora de conhecimentos”, e de teoria, ora identificada como “conhecimento científico do mundo”, ora como similar a sistematização. No entanto, é a própria Leila Lima Santos, participante da equipe que criou o “Método BH”, que posteriormente, a partir de uma auto-crítica, reconheceu que,

“Implementar o processo de conhecimento a partir da percepção sensorial, para em seguida passar para o nível conceitual, e finalmente chegar ao manuseio abstrato do real, é atribuir a primazia da prática da investigação à experiência, aos dados, à

⁴ Conforme NETTO (1989b), a aproximação entre o Serviço Social e a tradição marxista se estabelece nos idos dos anos 60, exatamente quando é possível observar a convergência de alguns fatores extra-profissionais, tais como: o clima de efervescência política internacional e nacional expresso no, entre outros fenômenos, fortalecimento do movimento estudantil. Em termos intra-profissionais, verifica-se o esgotamento dos moldes do “Serviço Social tradicional”, entendido como incapaz de fornecer as repostas necessárias frente ao padrão de acumulação capitalista então vigente.

⁵ Entende-se por “marxismo vulgar” aquele que, francamente apoiado no chamado “marxismo soviético”, tomou o pensamento de Marx a partir de tendências muito mais positivistas do que marxianas, dissolvendo-o em dogmas e regras a serem seguidas; combinando ecletismo com formalismo na sua interpretação.

⁶ Além da interlocução entre Serviço Social e tradição marxista ter sido realizada a partir de questionáveis intérpretes de Marx, a maioria dos assistentes sociais fizeram esta aproximação pela via da prática política (em muitos casos oriunda da participação anterior no movimento estudantil), ratificando com isso uma postura messiânica e voluntarista frente ao legado teórico de Marx.



correlação, ao registro, à ficha. Portanto, ao empirismo.” (SANTOS, 1993:139)

Na seqüência, sem ter clareza do que seja prática e teoria, tomadas como peças de uma engrenagem, e não como elementos diversos de uma mesma unidade, é de se esperar que o entendimento acerca do método, presente na experiência de Belo Horizonte, possua também sérias deformações em si. Uma delas, decorrente do já apontado no parágrafo anterior, refere-se ao seu equivocado entendimento do sentido de prática, que por sua vez gera outros problemas, os quais devemos citar ainda que brevemente.

Para os criadores do “Método BH”, além do pesquisador “esvaziar-se” de qualquer idéia preconcebida, priorizando seus sentidos, deveria ele obedecer as inúmeras etapas, as quais tinha anteriormente idealizado para a condução da pesquisa. Ou seja, além de confundir método de investigação com método de exposição, “...*querer forçar a realidade segundo o esquema de um modelo, pretender que o modelo seja o reflexo e o resultado da ação dos grupos (...). Todas elas são expressões de um mesmo problema: o formalismo.*” (SANTOS, 1993:141)

Assim, o desconhecimento efetivo das categorias constituintes do método marxiano, gerou em “BH”

“(...) uma clara separação – que chega ao nível da excludência - entre as dimensões lógicas e históricas do método, verificando-se uma ‘suspensão’ da dialética do conhecimento, desconectada da história. A categoria trabalho, ontologicamente determinante na obra de Marx, está inteiramente ausente e é desconhecida na análises da prática social e da relação teoria e prática... Assim as categorias deixam de ‘expressar formas de ser, determinações de existência’, desligando-se do movimento da sociedade que deveriam expressar, passando a ser



criações aleatórias do pensamento. Esse deslocamento das dimensões lógicas e históricas fere no 'coração' o método marxiano.” (IAMAMOTO, 1999:212)

CONCLUSÕES

A despeito dos inúmeros enganos percebidos no tocante ao entendimento do método, nos é claro perceber que em ambos – Teresópolis e Belo Horizonte, embora por caminhos e intenções completamente antagônicas, pairava sobre o Serviço Social a forte influência do neopositivismo, gerando sobretudo no “Método BH”, *“uma ética de esquerda e uma epistemologia de direita”*, conforme alertava Lukács (IN: IAMAMOTO, 1999:213). Tal influência impedia a apreensão do método tal como concebido pelo próprio Marx – “um método de duas vias”.

Somente a partir do amadurecimento intelectual e político experimentado pela profissão nos anos 80 (e aqui certamente pesa a conjuntura favorável, expressa na transição democrática brasileira, e o crescimento dos programas de pós-graduação), foi possível ao Serviço Social dialogar com as fontes originais e permitir, por conseguinte, o esforço em apreender o método marxiano, o qual apoiado na razão dialética, prima por desvendar o nexos das coisas, superando com isso sua forma e aparência.

No entanto, por não compartilhar com uma perspectiva contemplativa frente ao conhecimento, a elaboração ontológica de Marx expressa no método, objetiva, em última análise, a intervenção sobre o objeto pesquisado – ou seja, conhecer com a finalidade de transformar.

Contudo, reconhecemos que tomar uma postura ortodoxa frente ao método de Marx, entendendo-o como método de investigação da realidade, é uma tarefa das mais árduas, visto a freqüente reprodução do utilitarismo burguês e, sobretudo, da maneira capitalista de pensar; porém absolutamente imprescindível àqueles que acreditam que “outro mundo é possível”.



No nosso meio profissional, tomar a discussão acerca do método marxiano, e principalmente da sua validade para o desvelamento dos problemas atuais, é urgente e deve ser central no debate, sobretudo em função do significado social desta profissão.

Na verdade, o Serviço Social está inserido na divisão social e técnica do trabalho, na qual a combinação coletiva dos diversos atores e atividades profissionais convergem dentro da mesma lógica – a ordem burguesa. Nesta, não é por acaso que, conforme nos lembra LUKÁCS (1978 a), *“... tão logo se fazem sentir suas tendências à decadência, ‘esqueça’ novamente a particularidade, elimine-a das considerações filosóficas e opere apenas com os extremos deformantes, da singularidade e da universalidade.”* (p.118). A atualidade recheada de preocupações microscópicas – “pós-modernas”, ratifica tal perspectiva.

Além disso, esta profissão emerge com um papel muito claro e instrumental na ordem do capital e continua sendo solicitada para desempenhar funções do mesmo quilate, embora travestidas de responsabilidade social, marketing interno, apoio aos projetos voluntários, solidários e etc., confirmando em seus profissionais a tradicional dificuldade de entender a relação ontológica entre ação e pensamento. Continuamos desenvolvendo, em inúmeros casos, ações pontuais, mecânicas e esvaziadas de conteúdo em resposta a um cotidiano profissional também aparentemente repleto de demandas descontínuas e isoladas. Tratam-se de velhas “armadilhas”, presentes no Serviço Social desde longa data, como tivemos a oportunidade de apresentar tanto em Teresópolis quanto em Belo Horizonte, que ainda inspiradas na perspectiva neopositivista, acredita que “cada caso é um caso”, “na prática, a teoria é outra”, ou “só se aprende fazendo”.



No entanto, na contra-mão deste processo e contraditoriamente, esta mesma profissão conseguiu construir um projeto ético-político expresso na série de princípios do atual Código de Ética, dentre os quais, o “*compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual na perspectiva da competência profissional*” (CRESS,2000:16). Isso significa que a formação e a constante capacitação profissional devem se constituir em pontos centrais para a categoria como um todo, bem como para a própria universidade, e, sobretudo, representar a condição necessária ao profissional competente.

Assim, se nossa linha de análise está correta, a apreensão do método marxiano de pesquisa deverá estar presente na agenda profissional, não para criar somente pesquisadores formais, mas para garantir junto aos profissionais a postura investigativa fundamental, impedindo com isso que os princípios progressistas do Código se transformem em mera carta de intenções, inócua no dia-a-dia profissional e sem visibilidade diante dos demais profissionais e, sobretudo, dos usuários dos serviços.

BIBLIOGRAFIA

CRESS/RJ. *Assistente Social: Ética e Direitos – Coletânea de Leis e Resoluções*, 2000, Rio de Janeiro.

GUERRA, Y. As Racionalidades do Capitalismo e o Serviço Social. IN: MOURO, H. & SIMÕES, D. (org.) *100 Anos de Serviço Social*. Ed. Quarteto, Coimbra, 2001.

IAMAMOTO, M.V. O debate contemporâneo da reconceituação do Serviço Social: ampliação e aprofundamento do marxismo. IN: IAMAMOTO, M.V. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 2ª edição, Cortez, São Paulo, 1999.

LUKÁCS, G. *Introdução a uma Estética Marxista*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978 (a).

NETTO, J.P. Introdução. IN: MARX, K. *A Miséria da Filosofia*, 2ª edição, Global Editora, São Paulo, 1989(a).



_____. O Serviço Social e a tradição marxista. IN: *Revista Serviço Social e Sociedade*, n.º 30, Cortez, São Paulo, 1989(b).

_____. Notas sobre marxismo e Serviço Social, suas relações no Brasil e a questão de seu ensino. IN: *Cadernos ABESS*, n.º 4, Cortez, São Paulo, 1991.

_____. *Ditadura e Serviço Social – Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. Cortez, São Paulo, 1991.

SANTOS, L.L. Metodologismo: Explosão de uma Época IN: SANTOS, L.L. *Textos de Serviço Social*, 5ª edição, Cortez, São Paulo, 1993.